

DESCRIÇÃO PRELIMINAR DA CONCORDÂNCIA NOMINAL E VERBAL DE TERCEIRA PESSOA DO GUINEENSE

Benibel Gomes Marques Matche

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo fazer a descrição da concordância verbal e nominal de terceira pessoa do singular e plural da língua guineense falada em Guiné-Bissau (crioulo/kriol), estabelecendo comparativo dessa língua com as duas modalidades de português: norma popular e norma culta do português brasileiro. Esta pesquisa, de natureza descritiva, baseia-se nos pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística laboviana (LABOV, 1972, 1994). Para obtenção de dados reais, recorreremos à aplicação de questionários escritos, com quatro informantes, sendo dois homens e duas mulheres, falantes da língua alvo da investigação. A análise preliminar revelou algumas semelhanças nas regras de concordância entre essa língua e o português popular brasileiro, sobretudo no apagamento de morfema (s), que indica o plural e a não flexão de verbo em algumas sentenças, como podemos observar a partir da relação entre o sintagma nominal e verbal.

PALAVRA CHAVE: concordância nominal. concordância verbal. língua guineense. língua português.

ABSTRACT: The present work aims to describe the verbal and nominal third person singular and plural concordance of the language spoken in Guiné-Bissau (Creole / Kriol), establishing a comparison of this language with the two Portuguese modalities: popular norm and cultured norm of Brazilian Portuguese. This research, of a descriptive nature, is based on theoretical methodologies assumption of labovian sociolinguistics (LABOV, 1972, 1994). To obtain real data, we used the application of written questionnaires, with four informants, two men and two women, speakers of the target language in investigation. The preliminary analysis revealed some similarities in the rules of concordance between this language and popular Brazilian Portuguese, especially in the deletion of morpheme (s), which indicates the plural and not the inflection of the verb in some sentences, as we can see from the relationship between the nominal and verbal phrase.

KEYWORDS: nominal agreement. verbal agreement. guinean creole. portuguese.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A escolha de tema do presente artigo foi motivada pela realidade multilíngue vivenciada pelos guineenses, tendo em vista a realidade multicultural que impulsiona e motiva a descrição das diferentes línguas, com o registro de suas características.

Para entender melhor a proposição deste trabalho, pretendemos, junto aos subsídios teóricos, trazer um pouco da história de língua-alvo, a fim de contextualizar o nosso leitor sobre a realidade linguística de um país ainda pouco conhecido.

O objetivo de nosso trabalho é analisar as formas de concordância nominal e verbal da língua guineense falada em Guiné-Bissau, propondo um comparativo com o português.¹ Nessa análise, pretendemos descrever algumas das influências que essa língua materna de grande parte dos guineenses pode ter exercido sobre o português que, geralmente, é tido como a segunda, terceira ou quarta língua aprendida pelo indivíduo dessa sociedade multilíngue. Portanto, essa análise possibilita compreender como a concordância, ou seja, a sintaxe da língua da unidade nacional pode ter interferido na língua portuguesa e, conseqüentemente, em algumas variedades da língua oficial falada no país.

Na qualidade de estudante guineense e falante dessas duas línguas, intriga-nos a observação de que o guineense e o português, falados em Guiné-Bissau, possuem características diferentes das línguas crioulas e portuguesa faladas, por exemplo, em Cabo Verde ou São Tomé e Príncipe. Essas diferenças podem ser apuradas por meio de uma análise em que pretende averiguar características peculiares do guineense e português, sem perder de vista a influência das línguas étnicas maternas presentes no país. Além disso, é interesse dos estudos da linguagem humana conhecer as estruturas básicas de línguas naturais, o que vai contribuir para o ensino contextualizado.

O presente estudo se justifica também pelo contexto de inserção do pesquisador, estudante de Letras de instituição federal do Brasil, que propõe a integração entre países lusófonos, o que sugere a proposição de pesquisas e estudos que apontem a realidade de todos os países falantes de português.

Vale destacar que, neste trabalho, selecionamos uma língua de unidade nacional (guineense) e língua oficial do país (o português), com o intuito de observar a relação estabelecida entre elas no contexto linguístico do país.

Propomos analisar a realização da concordância nominal e verbal de terceira pessoa do plural com base na percepção que os falantes da língua guineense têm, observando a mudança sintática dessa língua para o português, língua adquirida no ambiente escolar.

Para melhor o resultado da pesquisa que resultou neste trabalho, mostra-se a seguinte estrutura para melhor situar o leitor: na parte introdutória, apresentam-se as considerações iniciais, objeto da pesquisa, os objetivos, a metodologia, as motivações e a justificativa que levaram ao desenvolvimento deste trabalho.

¹ Ao longo de nossa discussão, optamos pelo rótulo “guineense” para se referir à língua que se originou do contato dos portugueses com os guineenses, ainda que alguns autores optem pelo rótulo de “crioulo”. Consideremos esta denominação generalizante, por fazer referência a qualquer língua originada em situação de contato, e inadequada, por sugerir que as línguas crioulas se constituem em simplificações de outras línguas.

No segundo tópico, apresentam sobre as considerações teóricas, com vista nos materiais produzidos pelos estudiosos para análise da concordância nessas línguas analisadas neste trabalho.

No terceiro tópico, foca-se na metodologia usada na pesquisa para o desenvolvimento deste trabalho.

No quarto tópico dedica-se ao análise dos dados, com base nos exemplos extraídos nos questionários aplicados.

Já no último tópico apresentam-se as considerações finais do trabalho, sintetizando as ideias discutidas ao longo do trabalho.

2 FUNDAMENTAÇÕES TEÓRICA

2.1 Alguns pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística

Este trabalho, por buscar tratar da língua em uso, tem como base pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística, que é um ramo da ciência que pretende explicar estudo da linguagem cientificamente e descrever a linguagem verbal humana, ou seja, a relação da língua com a sociedade (LABOV, 1972; 1994). Apoiamo-nos também em pesquisadores como: Rubio (2012) e Coelho et al. (2010), que determinam que sociolinguística estuda a língua e as suas relações com a sociedade, considerando-a também como fenômeno social.

Segundo Rubio (2012, p. 68):

[...] os sociolinguistas privilegiam a linguagem inserida no contexto social, cuja performance depende de um falante/ouvinte real. A heterogeneidade linguística é característica inerente do indivíduo, que se manifesta também na comunidade de fala da qual ele faz parte.

Desse modo, o autor nos mostra que a sociolinguística preocupa-se mais com as relações existe entre a língua e a sociedade, considerando o uso real da fala na situação da comunicação e, além disso, com as características individuais de cada falante da língua dentro da comunidade a que pertence.

2.3 Contextos histórico da língua guineense

O guineense é uma língua que nasceu por meio de contato entre a língua do colonizador e as línguas do colonizado, ou seja, é o resultado do contato do português com as línguas étnicas de Guiné-Bissau. Essa língua surgiu devido à necessidade comunicativa entre

povos com línguas totalmente distintas, quando estes se apropriaram do léxico da língua superstrato, mantendo a estrutura gramatical das línguas do substrato, fazendo assim nascer uma nova língua, conhecida atualmente como crioulo ou simplesmente guineense, como aponta Augel (2007, p. 70):

[...] à verdade do mosaico étnico guineense, a necessidade de contato entre os colonizados e o colonizador (funcionário administrativo, comerciante ou missionários) resultou no aparecimento de uma língua franca, de um veículo de comunicação: o guineense (crioulo) da Guiné-Bissau.

Ainda segundo a autora, essa língua, que surgiu neste contexto, mais tarde começou a desempenhar papel de grande importância no país, servindo como língua da Unidade Nacional, principalmente na época da mobilização dos nativos para aderir à luta da libertação nacional.

Antes da luta para a independência do país, eram poucos os que falavam a língua guineense, então, nesse período, iniciou-se uma expansão da língua, com o intuito de unir os nativos de diferentes línguas por uma única causa, a luta contra o jugo colonialista, dirigida por guerrilheiros do Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC). A língua se tornou a principal ferramenta para mobilizar e unir diversos povos com diferentes línguas, pois se não fosse o guineense, talvez essa luta não tivesse sido vencida.

De acordo com Intumbo (2007), havia até mesmo o impedimento do emprego do crioulo guineense em determinados locais, como descreve o autor:

Durante a época colonial, salvo raras exceções, havia uma enorme pressão contra o uso do crioulo guineense em instituições oficiais [...] A guerra da independência veio causar uma interrupção neste modelo de funcionamento e desenvolvimento do crioulo, devido à demissão dos alunos e dos professores em determinadas áreas do país por razões de segurança. Do lado da guerrilha, embora se tenha reconhecido vezes sem conta a importância do português como a “melhor ferramenta” que os portugueses deixariam aos guineenses para se comunicarem com o estrangeiro, os essenciais das relações interpessoais mantinham-se no crioulo guineense ou nas línguas africanas das localidades ou dos falantes (INTUMBO, 2007, p. 9).

De lá para cá, essa língua se expandiu e continua servindo de intermédio para todos os grupos étnicos existentes no país, ou seja, é a língua que os filhos da Guiné-Bissau usam no seio familiar e até mesmo nas escolas e nas outras instituições públicas, porque o guineense se constitui como a língua materna de grande parte da população dos centros urbanos, embora o português seja a língua oficial do país. Mesmo não tendo a mesma importância política do português, o guineense é a língua de maior expressividade no país,

devido à sua importância em conciliar diversos grupos étnicos para se comunicarem em uma língua.

2.4 A concordância na língua portuguesa

Sabemos que a concordância nominal se baseia na relação entre elementos que compõem o sintagma, pode ser entre determinante e determinado, e, quando é verbal, baseia-se na relação entre verbo e a pessoa a qual se refere, conforme apontam as gramáticas tradicionais, como acontece, por exemplo, com concordância de número singular ou plural da 3ª pessoa do discurso.

2.4.1 Concordância verbal em português

A lógica da concordância pode ser interpretada de diversas maneiras, dependendo da perspectiva adotada. Aqui pretendemos discorrer, descrevendo de forma geral, como as gramáticas lidam com essa temática, sobretudo as gramáticas normativas. Na gramática tradicional, a concordância verbal é estabelecida entre o verbo e o sujeito da oração, numa relação morfossintática, em que o verbo tem de estar em sintonia com o sujeito da oração. Ao tratar desse assunto, autores como Cegalla (2008), Rocha Lima (2011) e Cunha e Cintra (2008) estabelecem duas regras gerais sobre a concordância verbal: a primeira aponta que o sujeito simples concorda em número e pessoa com o verbo; já o sujeito composto, como o próprio o nome sugere, por ter mais de um núcleo, flexionando o verbo para o plural, adequando-o ao sujeito.

Na sua gramática, Cegalla (2008, p. 450) afirma que a concordância verbal é a harmonia entre o verbo e o sujeito, com as seguintes regras:

O sujeito simples, com ele concordará o verbo em número e pessoa.

Exemplos:

Verbo depois do sujeito:

As saúvas **eram** uma praga (Povina Cavalcânti)

Vós **fostes** chamados à liberdade, irmãos. (São Paulo)

Verbo antes do sujeito:

Acontecem tantas desgraças neste planeta!

A quem **pertencem** essas terras?

Portanto, nos exemplos citados pelo autor, podemos observar a harmonia da concordância verbal existente entre o verbo e o sujeito de acordo com o número e a pessoa.

Said Ali (1965 apud GAMEIRA, 2009, p. 48), por seu turno, ao explicar a concordância verbal, afirma que:

Consiste a concordância em dar a certas palavras flexionáveis formas de gênero, número ou pessoa correspondentes à palavra que no discurso se referem [...] A concordância não é, como parece à primeira vista, uma necessidade imperiosamente ditada pela lógica. Repetir num termo determinante ou infinitivo o gênero ou pessoa já marcados no termo determinado de que se fala, é antes de tudo uma redundância.

Reforçando esse aspecto sobre a concordância, apresentamos a visão de Silva (2008, p. 32) que afirma que:

(...) inúmeros trabalhos com foco na língua oral demonstram a expressiva variabilidade que envolve a concordância verbal. Entre eles, os estudos sociolinguísticos revelam que a concordância verbal constitui um fato variável, isto é, a concordância pode ser formalmente marcada ou não em função de fatores de natureza linguística ou de caráter sociocultural.

Ao contrário do que estabelece a gramática normativa sobre a concordância na língua portuguesa, Intumbo (2007), tratando da estrutura sintática das línguas étnicas da Guiné-Bissau, afirma que, dentre as línguas faladas em Guiné, balanta, manjaco e pepel apresentam características comuns, por marcarem plural no primeiro elemento da sentença, um fenômeno presente também na língua guineense utilizada no país, a qual analisamos neste trabalho. Para retratar esse fato, tomamos como a ilustração as sentenças *tris mininu passa li* ou *djintis ku mora na nha casa*. Essas duas frases em guineense, se fossem traduzidas literalmente para português, ficariam *três menino passou aqui e pessoas que mora na minha casa*.

A dinâmica da língua mostra que a concordância verbal pode sofrer alteração, de modo que as suas regras não são fixas ou estáveis, como ciências exatas que tem fórmulas fixas, podendo ser encontradas várias sentenças em plural sem o emprego daquelas regras que a gramática normativa estabelece.

Para Rubio (2012, p. 273), que apresenta, em seu trabalho, um panorama da concordância verbal em língua portuguesa em diversas variedades brasileiras e lusitanas:

São inúmeros os estudos sociolinguísticos que tratam da CV (concordância) de 3PP (terceira pessoa do plural) nas variedades do PB, e muitos são os fatores linguísticos e sociais que demonstram exercer influência sobre o fenômeno nessas variedades. No PE (português europeu), entretanto, embora a variação já tenha sido atestada (em menor ou em maior escala), há poucas pesquisas apresentando os fatores que poderiam promover os usos variáveis e indicando, ainda, se essa variação está restrita a determinados contextos ou não.

A variação no português brasileiro se relaciona, como evidenciado, com a questão linguística e social, ao passo que no português europeu, os poucos estudos sobre o mesmo fenômeno não revelaram essa variação em grande escala.

2.4.2 Concordâncias nominal em português

Assim como vimos as regras da concordância verbal, a concordância nominal é composta, de modo geral, por elementos como adjetivos, pronomes, artigos, numerais e participios que concordam em gênero e número com o núcleo do sintagma nominal, ou seja, esses elementos se flexionam em gênero e número de acordo com o nome, conforme aponta Zanini (2007, p. 55):

[...] A concordância nominal é a que se verifica em gênero e número entre o adjetivo e o pronome (adjetivo), o artigo, o numeral ou o particípio (palavras determinantes) e o substantivo ou pronome (palavras determinadas) a que se referem.

Como podemos constatar nas declarações do autor, a concordância, de acordo com a gramática normativa da língua portuguesa, necessariamente deve ser uma relação entre elementos determinantes e o núcleo do sintagma.

Por exemplo, na sentença *A Dona Vieira está preocupada*, temos o adjetivo *preocupada* na forma feminina porque faz referente à *Dona Vieira*, visto que *a Dona Vieira* é um substantivo feminino que se encontra no singular, conseqüentemente a palavra *preocupada* indica uma característica de *Dona Vieira*, portanto a sentença fica em feminino e singular.

2.4.3 Concordâncias verbal em guineense

Todas as línguas do mundo têm suas regras que estabelecem sua estrutura ou seu funcionamento. Como refere Gomes (2013/10, p. 43-44):

[...] Por meio desta compressão de linguagem, a língua é vista como um código, isto é, um conjunto de signos que se combinam segundo regras. Desse modo, nessa nova percepção já se percebe o ato de comunicação, e se considerando o emissor e receptor, sendo que ambos deveriam dominar o código para que a comunicação seja efetiva-se.

Portanto, segundo o autor acima citado, a compressão da linguagem, assim como da língua depende de um código que estrutura o funcionamento comunicativo do falante e ouvinte para que haja uma comunicação adequada, a partir dessas regras que ambos vão dominar a língua.

A língua guineense não foge a essa regra, pois, embora funcione de maneira diferente de línguas como português, espanhol, francês etc., com o verbo não se flexionando com o sujeito, segue regras específicas compartilhadas entre os seus falantes, que permitem plena comunicação em todas as situações de interação. Na análise de sentenças da língua guineense, vamos observar que o núcleo de sujeito da oração não concorda (se tomar como modelo a regra da concordância do português padrão) com o verbo. Por exemplo, *elis e na bim kuri na campu ate dus ano* (Eles correrão no campo durante dois anos), a primeira diferença em relação ao português padrão nessa sentença é a ausência do artigo, e a segunda, a não flexão do verbo *kuri* (correr) com o seu sujeito *elis* (eles), uma característica da estrutura sintática da língua guineense. Na visão de Scantamburlo (1999, p. 37) “explica que, pelo fato de os verbos não se flexionarem na língua guineense, muitas vezes se adotam lexemas prefixais ou sufixais cujas funções são as de auxiliar os verbos até mesmo nas expressões de tempo”.

Em consequência disso, vemos, a todo instante, na concepção das pessoas que não conhecem a língua guineense, a impressão de que não existe harmonia, ou seja, a concordância verbal nessa língua, porque o verbo não concorda com o sujeito.

Vale ressaltar que a não flexão do verbo não significa que não há concordância, porque essa é a lógica da concordância nessa língua, ou seja, a sua estrutura na organização sintática. Por exemplo: se considerarmos o verbo *kuri* (correr) da sentença do exemplo acima, perceberemos que essa sentença está em terceira pessoa de plural, não pelo verbo, mas sim pela partícula que antecede o verbo *kuri*, visto que esse verbo não flexiona, portanto não marca concordância explicitamente. Se formos analisar essas duas sentenças observando somente o verbo, perceberemos que quase nada muda, daí podemos ter: *el i kuri na campu ate dus ano* (ele correu no campo durante dois anos), pois neste exemplo temos o mesmo verbo no tempo diferente, mas não há alteração/mudança na forma, embora seja possível perceber de que tempo se trata, pelos elementos que antecedem o verbo.

2.4.4 Concordâncias nominal em guineense

A concordância nominal em guineense consiste na adaptação de alguns elementos, como pronome e numeral, considerando que a estrutura sintática do guineense não admite o artigo, diferentemente do que faz a língua portuguesa. É interessante destacar também que a maioria dos pronomes é neutro, como caso do pronome possessivo *nha* (meu/minha) e sua variante *na* que, em qualquer contexto em que são usados, permanecem da mesma forma, ou seja, não flexionam em gênero e nem em número. A seguir, vamos apresentar uma sentença

em guineense e traduzi-la para o português, para depois analisá-la, apontado assim, a diferença entre elementos que constituem o sintagma.

Exemplo: *Nó dus amigu perferidu sta duenti!*

(Os nossos dois amigos preferidos estão doentes!)

A sentença anterior, trazida como exemplo, revela claramente a ausência do artigo no guineense, mesmo assim há uma lógica de concordância nominal na frase. Para compreender a ideia de pluralidade dessa frase, tomamos como referência principal o numeral *dus* (dois) que nos traz a ideia de quantificação, que, neste caso, nos revela que se trata de mais de uma pessoa, ou seja, mais de um amigo que está doente, portanto, os outros elementos não necessariamente precisam trazer essa ideia de pluralidade, já que um já o fez. O que se vê em guineense é que um elemento pode apontar que se trata do plural, geralmente esse elemento é um determinante, pois caso de sua ausência, o determinado assume essa função. Diferentemente do que se vê em português, principalmente em sua norma culta, em que todos os elementos concordam com determinantes (artigo, pronome, numeral) quando estes estão em singular ou plural, ou quando indica o gênero masculino ou feminino, fazendo com que outros elementos com substantivo e adjetivo adequem suas formas.

Como havíamos posto anteriormente, no guineense, podemos perceber a concordância no pronome e numeral, tendo em conta que o verbo não flexiona com sujeito da oração.

Algumas características apontadas no guineense podem ter influenciado o português falado em Guiné-Bissau, já que o contato gera, ainda que no menor grau, alguma influência de um sobre o outro. Aliás, isso já foi apontado por vários pesquisadores, como Galves (2008, p. 151) que afirma que, no português africano, existem características muito mais limitadas em certos casos da comunidade isoladas de oriundo africano, por exemplo: “ausência de concordância de gênero; forma invariável do verbo, inclusive na primeira pessoa e ausência de artigo definido”. De acordo com a descrição do português falado em alguns países da África, podemos perceber algumas características comuns com o guineense, como forma invariável do verbo e ausência de artigo, o que nos permite, de alguma forma, afirmar que as línguas africanas têm a influência no português (na morfologia, na sintaxe e, principalmente, no léxico) como as línguas africanas da Guiné-Bissau influenciaram o guineense.

De antemão é possível observar que a sintaxe do guineense se distingue da sintaxe da língua portuguesa. Para Scantamburlo (1999):

Hoje, o Guineense é reconhecido como uma língua “sui generis”, composto por um léxico derivado da língua portuguesa e uma estrutura gramatical africana: os locutores aproveitaram-se do léxico da língua base, o Português e/ou o Sabir, utilizando a estrutura gramatical das próprias línguas africanas (SCANTAMBURLO, 1999, p. 34)

Como podemos perceber pelas afirmações do autor, a língua guineense sofreu influência de mais de uma língua em sua origem, apresenta uma estrutura peculiar, que a diferencia, em certo grau, dessas línguas que contribuíram em sua origem.

2.4.5 Pronomes pessoais no guineense

Com o intuito de complementar a breve descrição de alguns aspectos do guineense, apresentamos, na sequência, com base em Scantamburlo (1999), um quadro resumo dos pronomes pessoais primários e secundários na língua, em comparativo com o português.

	Guineense	Português
1ª pessoa de singular	Ami	Eu
2ª pessoa de singular	Abo	Tu/você
3ª pessoa de singular	El	Ele/a
1ª pessoa de plural	Anos	Nós
2ª pessoa de plural	Abos	Vós
3ª pessoa de plural	Elis	Eles/as

2.4.6 Pronomes secundários

I
E

Na língua guineense os pronomes secundários *i* x *e* são da extrema importância, porque é muito raro construir uma frase sem usá-los e até podemos construir uma sentença sem usar pronome primário da terceira pessoa em função do sujeito, *el* x *elis*, porém pronomes secundários que acompanham os primários, ou que os substituem, em alguns contextos, exercendo a função de sujeito, tendo o verbo mantido no mesmo modo e a mesma forma de conjugação como, \emptyset *i ermom di Ricardino* (\emptyset é irmão do Ricardino). Nessa

sentença, a ausência de pronome primário não faz quase nenhuma diferença, visto seu lugar foi preenchido por pronome secundário *i*, portanto a sentença está bem formada. Em oposição temos a sentença *el Ø ermom di Ricardino* (ele Ø irmão do Ricardino), na qual percebemos mudança do sentido da frase que não é o mesmo do primeiro exemplo. Portanto, para retratar o sentido expresso no primeiro exemplo, podemos dizer que a sentença está mal elaborada por causa de ausência do pronome secundário *i*. Se observamos os nossos exemplos, podemos perceber que os pronomes secundários são fundamentais na estrutura do guineense.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa é de natureza geo-sociolinguística e baseia-se nos pressupostos teórico-metodológicos da dialetologia e da sociolinguística e se estrutura nas seguintes etapas: i) seleção bibliográfica (livros, teses, dissertações, artigos e outros meios de informações periódicas, ii) a elaboração do *corpus* da Guiné-Bissau, com dados referentes à Guiné-Bissau, obtidos por meio da aplicação de questionários escritos; iii) análise dos resultados dos questionários.

A aplicação de questionários se deu aos nativos da língua considerada. Os questionários foram elaborados por escrito, sendo assim, foram traduzidas todas as respostas obtidas no inquérito de modo a confrontá-las às formas escritas. Após transcrição do inquérito, foram reunidos todos os dados, por meio escrito, para que pudéssemos fazer um confronto e averiguar, de forma descritiva, a caracterização de cada língua quanto à concordância verbal e nominal, estabelecendo um comparativo entre as línguas.

Para buscarmos compreender melhor o fenômeno em causa, consideramos as respostas obtidas por meio da aplicação de questionários a quatro (4) informantes, sendo dois (2) homens e duas (2) mulheres falantes nativos da língua alvo da investigação. A seguir, podemos ver o Quadro ilustrativo com informações dos informantes.

Localidade	Informantes	Escolaridade	Idade
Bissau	Homem	Nível médio	18 a 33 anos
	Mulher		
	Homem	Nível superior	
	Mulher		

Para obter as informações de que precisamos, foram aplicadas as questões relativas à concordância nominal e verbal na escrita dos estudantes guineenses da Universidade da

Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), e também, foram considerados inquéritos realizados com inquiridos que não estudam nessa Instituição de Ensino.

Assim, para composição da amostra relativa ao perfil dos informantes que fizeram parte do *corpus* da pesquisa, consideramos os seguintes perfis: sexo – homens e mulheres; idade de 18 a 33 anos; e sujeitos com nível do Ensino Médio e Superior, sendo inquiridos guineenses nativos do Sector autónomo de Bissau. Contabilizamos, para a análise de dados, como visto, as respostas dos quatro (4) sujeitos investigados e solicitamos que cada um traduzisse duas listas das sentenças com os verbos em três (3) tempos gramaticais: Passado, presente e futuro. Elaboramos as sentenças com nomes próprios e pronomes pessoais, sendo que cada informante teve que produzir 4 sentença.

Assim, estabelecemos esse parâmetro metodológico para observar se a forma de concordância da língua guineense interfere no português, buscando assim, comprová-la por meio dessa pesquisa.

Após isso, com a pesquisa feita, os dados foram transcritos e depois apresentados numa tabela de análise dos dados, assim, elaboramos um quadro pronominal do guineense.

O quadro pronominal dessa língua foi apresentado de forma comparativa para demonstrar os pronomes pessoais e os padrões de concordância da língua pesquisada, de acordo com a perspectiva dos seus falantes nativos.

4 ANÁLISES DA CONCORDÂNCIA NOMINAL E VERBAL DE TERCEIRA PESSOA DO GUINEENSE

Sabemos que todas as línguas naturais têm regras que determinam seu funcionamento. Ao analisarmos a sintaxe das línguas naturais, percebemos que os elementos são posicionados de acordo com a permissão do sistema, depois podem ser aceitos ou não pelas normas. Assim, baseados na estrutura básica de funcionamento das línguas, vamos apresentar as sentenças na língua guineense e analisar sua estrutura sintática, posteriormente comparando-a com português. Vale ressaltar que a produção das sentenças a seguir foi elaborada pelos nativos do guineense, o que nos permite realizar a descrição e análise, com base em dados reais.

Consideremos as sentenças abaixo para as primeiras análises:

1. *Guineense. I na bim padidu na hospital.*

Português. (Ela nascerá no hospital.)

2. *Guineense. E na bim padidu na hospital.*

Português. (Elas nascerão no hospital.)

Ao observarmos as sentenças produzidas na língua guineense, estabelecendo uma comparação entre a concordância verbal na terceira pessoa de singular e de plural, podemos perceber, em primeiro lugar, que não houve alteração na forma verbal (*padidu* – no singular e no plural), como acontece, por exemplo, com a norma culta da língua portuguesa, em que, além do pronome, há também a distinção entre a flexão verbal de singular e de plural (*nascerá* x *nascerão*).

Quanto ao tempo verbal, para sabermos que há expressão de uma ação no futuro, observamos dois elementos que antecedem o verbo: o pronome secundário *i* e a preposição *na* indicadora do tempo presente e do futuro, mas nos exemplos anteriores, ou seja, 1 e 2. Esse *na* está expressando, em conjunto com o verbo que o procede (*bim*), a ideia do futuro, pois sem a presença desse verbo, a sentença poderia ser interpretada numa ação que ocorre no presente, visto que *na* aparece nas frases que expressam ideias de ações no presente, como veremos nos exemplos mais adiante. Esses elementos são da suma importância para compreensão das sentenças na língua guineense, porque somente o verbo não é suficiente para distinguir de qual pessoa do discurso se trata e muito menos o tempo verbal presente na sentença.

Nas duas sentenças referidas anteriormente, a distinção entre singular e plural é feita pela presença de pronomes (I e E), que representam, respectivamente, a terceira pessoa do singular e do plural no discurso. Isso aponta, inclusive, a impossibilidade de apagamento dessas formas.

A estrutura sintática do guineense é diferente da língua portuguesa, também quando consideramos o emprego de determinantes, pois a língua guineense apresenta determinante em certos casos no sintagma nominal sujeito, por exemplo: *nha amigus na punta di mi* (os meus amigos estão perguntando de mim). Nesta frase, *nha* (meu/s; minha/s) é determinante, porque é pronome possessivo, mas como podemos ver nas sentenças (3 e 4), ou seja, nas mais variadas sentenças produzidas na língua, não se encontra a presença de partículas de determinação ou indeterminação.

3. *Guineense - Mininu muri aonti.*

Português. (O menino morreu ontem.)

4. *Guineense. (H)Omis muri aonti.*

Português. Os homens morreram ontem.

Ainda que, em português, a sentença (3) apresente o determinante masculino *o*, quando traduzida para o guineense pelos informantes, não apresentou qualquer partícula. O mesmo ocorre com a sentença (4), no plural, que apresenta o determinante *os*, que foi traduzida apenas com o núcleo do sintagma sujeito, (H)Omis (apresentando variação apenas em sua escrita, com *h²* e sem).

O verbo *muri* encontra-se, nas sentenças em guineense, da mesma forma no singular e no plural. Nas sentenças (3 e 4), além de não haver distinção entre singular e plural, vemos que a expressão de tempo passado é feita pelo advérbio *aonti* (ontem), indicando que a ação de morrer aconteceu em tempo anterior ao do falante.

Podemos perceber que, diferentemente do que acontece em língua portuguesa, a qual tomamos como a referência para comparação sintática no guineense, o reconhecimento da pessoa do discurso fica condicionado à presença do sujeito na sentença, como nas ocorrências em análise (3 e 4). O falante do guineense reconhece que essas sentenças são distintas em relação a seu número por causa do morfema *-s* presente no sintagma nominal sujeito de uma delas e ausente na outra.

Para Scantamburlo (1999), os falantes guineenses adotaram uma forma menos complexa de estrutura, usando menor número de regras gramaticais do que as observadas na língua que serviu de superstrato (o português), porém sem comprometer “a eficácia do sistema de comunicação”, aproximando assim, essa estrutura das línguas que serviram substrato na formação do guineense.

Nesta mesma perspectiva, continuaremos a análise de outras duas sentenças com o verbo *muri* (morrer) no presente do indicativo, com o intuito de fornecer mais detalhes sobre a concordância no guineense.

5. *Guineense. Marcos (na) muri na (hi) stória.*

Português. (Marcos morre na história.)

6. *Guineense. Djugaduris muri na (hi) stória.*

Português. (Os jogadores morrem na história.)

Observando de forma comparativa as formas verbais utilizadas pelos nossos informantes nas sentenças anteriores com o verbo *muri* (morrer) na terceira pessoa,

² Possíveis divergências de escrita de algumas formas são plenamente justificáveis, a se considerar que a língua ainda não possui convenções ortográficas oficiais.

percebemos que utilizam a mesma forma verbal, no singular e no plural. A marca de plural, na segunda sentença, está presente somente no sintagma nominal sujeito (*djugaduris*).

Com base nas sentenças consideradas, é possível afirmar que a concordância verbal é ausente e a marca de número e de pessoa está presente no sintagma nominal sujeito e nas partículas que o cercam (quando ocorrem), semelhante, em alguns aspectos, ao que ocorre em variedades do português popular brasileiro, que apresenta um paradigma verbal com apenas duas formas, verbos em primeira pessoa do singular, para primeira pessoa do discurso no singular; e verbos em terceira pessoa do singular para as demais pessoas do discurso (segunda e terceira do singular; e primeira, segunda e terceira do plural (RUBIO, 2012). Podemos apontar que essa é a lógica dessa língua, ou seja, é assim que os elementos se encaixam na sintaxe dessa língua, essa estrutura faz parte da organização básica do sistema linguístico.

Para observarmos, em guineense, se uma frase expressa ideia de singularidade ou pluralidade, sem que haja presença dos pronomes secundários, é preciso analisar o substantivo que exerce a função de sujeito na sentença. Num exemplo como: *djintis na brinca* (As agentes estão a brincar), percebemos que o sujeito *djintis* está no plural devido à presença do morfema *-s* no final da palavra. A sentença, no singular, sofreria mudança apenas nesse elemento.

Os dados obtidos dos informantes que responderam aos nossos questionários apontaram ainda que, no guineense, não há uso de artigo. A tendência do não uso de artigo antecedendo o substantivo pode ser observada, inclusive, nas sentenças que seguem:

7. *Guineense. Leonarda sta na brinka na parque.*

Português. (A Leonarda está a brincar no parque.)

8. *Guineense. Badjudas sta na brinka na parque.*

Português. (As jovens estão a brincar no parque.)

Nenhuma das sentenças acima em guineense apresenta determinante (artigo), como vemos, por exemplo, em *Leonarda sta na brinka na parque* (A Leonarda está a brincar no parque). Essa frase não tem o artigo definido feminino *a* que antecede o substantivo *Leonarda* no guineense. Além do verbo que se manteve na mesma forma nas duas frases em guineense, vale observar também a preposição *na* que, embora não faça parte de análise, merece ser comentada. Essa preposição apresenta a única forma para qualquer palavra que antecede, pois segundo Scantamburlo (2003, p. 421), “essa preposição possui traço de anterioridade ou de superioridade”. É importante ressaltar que a lexia *na* não só exerce função de preposição, mas sim de pronome possessivo. Um exemplo para ilustrar isso é o chamado “kriol de fulas”

(crioulo de fulas, se estende para mancanha e de vários outros grupos étnicos guineenses), em frases como: *kasa di na mame/kasa di nha mame* (casa da minha mãe). Nessas duas frases, a única diferença é fônica na variação do uso de pronome possessivo, porque alguns indivíduos, principalmente aqueles falantes cuja língua materna é língua étnica, apresentam dificuldades em pronunciar a consoante nasal palatal *nha* (meu/s; minha/s). É de salientar que essa contração de preposição *em* com o artigo *a*, que em português se transforma em *na*, em guineense não é a junção de preposição e artigo, visto que a língua guineense não o tem, pois, na maioria das vezes, aparece na frase com a função somente de preposição.

A seguir, vamos apresentar mais uma sentença produzida como resposta às questões lançadas no nosso inquérito.

9. *Guineense. (H) Omis muri aonti.*

Português. (Os homens morreram ontem.)

Na sentença 9, mais uma vez, podemos perceber a lógica da concordância nominal em guineense. Embora não tivéssemos o artigo no início da sentença que poderia ser tomado como principal elemento pelo qual se indica a concordância, essa função ficou com o núcleo do sintagma, que nos mostra que a frase está no plural. O sintagma nominal (*h*) *omis*, com morfema (*s*) de plural no final, indica a ideia do plural. Essa forma de marcação de plural apenas no núcleo do sintagma nominal tem sido bastante discutida nos estudos sociolinguísticos, que tratam do português brasileiro não padrão, indicando assim uma possível mudança. Segundo Tarallo (2007, p. 9):

O plural no português é marcado redundantemente ao longo do SN: um determinante, no nome-núcleo e nos modificadores-adjetivos. A variação na marcação do plural no SN pode, portanto, tomar as seguintes formas:

1. aS meninaS bonitas
2. aS meninaS bonitaø
3. aS meninaø bonitaø

Vale observar que, de acordo com o autor, o português popular, ou seja, a variante não-padrão do português (ver exemplo 3) marca o plural apenas na posição inicial do sintagma nominal, o que se assemelha muito da língua guineense, pois a diferença é que o guineense não aceita o artigo como determinante, e marca o plural no elemento central do sujeito

Seguimos com análise de outra sentença produzida pelos nossos informantes.

10. *Guineense. Djugaduris muri na (h) stória.*

11. Português. Os jogadores morreram na história.

A sentença (10) retrata a forma como a concordância funciona na língua alvo da nossa análise. É importante frisar que, em guineense, para uma sentença expressar a ideia da pluralidade, basta que o elemento principal, ou seja, o núcleo de sintagma nominal apresente o morfema (*s*). No sintagma nominal sujeito presente em (10), por exemplo, observamos que *djugaduris* indica que essa sentença está no plural devido ao morfema (*s*) em seu final. A forma verbal, se comparada às outras ocorrências já apresentadas, não sofre qualquer alteração. Em língua portuguesa padrão, quando uma frase está no plural, todos elementos variáveis que se relacionam ao sujeito são obrigadas a acompanhar o núcleo do sintagma.

De acordo com Intumbo (2007, p. 37),

No português, regra geral, todos os nomes contáveis e a maior parte dos seus determinantes, quantificadores e modificadores são marcados no plural sufixando o morfema {-s} às formas do singular. A concordância entre estes elementos e o núcleo do sintagma é obrigatória em português.

Passamos a analisar outras sentenças produzidas pelos nossos entrevistados, nesta feita, com pronomes pessoais de terceira pessoa do singular e plural.

11. *Guineense. (Eli) i padidu dus dia antis del.*

Português. Ela nasceu dois dias antes dela.

12. *Guineense. E (lis) e padidu dus dia antis del.*

Português. Elas nasceram dois dias antes dela.

Como podemos observar nas sentenças acima, a diferença entre singular e plural se dá apenas pelos pronomes pessoais de terceira pessoa em função de sujeito (*Eli* x *Elis*) e pelos pronomes secundários que os acompanham (*i* x *e*). A forma verbal permanece a mesma tanto no singular como no plural.

Merece destaque ainda a forma de marcação de plural apresentada no sintagma nominal *dois dias*, muito semelhante a que ocorre no português popular brasileiro (dois dias), em guineense *dus dia*, com morfema de plural apenas no primeiro elemento do sintagma.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde a fase preliminar deste trabalho até a parte fundamental, que é a análise dos dados, observamos o processo histórico da língua falada em Guiné-Bissau.

Os dados coletados para análise permitiram observar/averiguar que a língua alvo da investigação apresenta muitas semelhanças em suas estruturas sintáticas, o que nos leva a crer que o guineense tem um certo grau de proximidade com o português e, por ter sido “filho materno” dessa língua, herdou alguns de seus traços sintáticos.

Fazer um estudo comparativo requer conhecimento das línguas as quais se pretende confrontar, pois só o conhecimento teórico não é suficiente, visto que esse tipo de estudo exige a competência para compreender a estrutura e a organização das línguas. Portanto, decidimos encarar o desafio de estudar essa língua pelo fato de ser a nossa língua materna e de convivência quotidiana/cotidiana. Por esses e outros motivos, julgamos que o estudo desse fenômeno vai ajudar na compreensão de algumas estruturas que muitas vezes parecem ser “estranhas” ou agramaticais para um falante nativo dessa língua, pois sabemos que em toda relação humana, é impossível que não haja um grupo social cuja forma de estar e de viver exerce a influência sobre outro, assim também uma língua pode influenciar a outra em diferentes níveis, dependendo do grau da interação dos seus falantes.

Os dados revelaram diferenças substanciais entre a sintaxe do português padrão, que apresenta marcação de plural em todos os elementos do sintagma nominal e verbal, e o guineense, que apresenta as marcas de plural apenas no elemento central do sintagma nominal. Todavia, se considerarmos as regras do português brasileiro não padrão, podemos notar grandes semelhanças com o guineense, haja vista ambos apresentarem concordância “não redundante”, ou seja, marcas de plural em apenas um elemento do sintagma nominal sujeito.

Por termos consciência de que este é um estudo preliminar, apontamos a importância de trabalhos futuros que apontem as semelhanças entre as línguas consideradas e, dessa forma, possam contribuir para o apontamento da relação entre elas.

REFERÊNCIAS

- AUGEL, Moema Parente. **O Desafio do Escombro: Nação, Identidades e Pós-Colonialismo na Literatura da Guiné-Bissau.** *Rio de Janeiro: Gramond, 2007.*
- BRANDÃO, S. F.; VIEIRA, S. R. **Concordância Nominal e Verbal: Contribuições para o Debate Sobre o Estatuto da Variação em Variedades Urbanas do Português.** *Universidade Federal do Rio de Janeiro. Faculdade de Letras, 2012.*
- CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssimo Gramática da Língua Portuguesa.** -48. Ed. *Ver. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.*
- COELHO, Izete Lehmkuhl. **Sociolinguística.** *Florianópolis: UFSC, 2010.*
- COSTA, M. M.; BRAIN, N. T. **Uma Olhar Crítico-Reflexivo Sobre a Concordância Verbal na Língua Portuguesa.** *Disciplinarum Scientia Série: Artes, Letras e Comunicação. S. Maria, v. 3, n. 1, 2002.*
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova Gramática do Português.** 5. ed. *Rio de Janeiro: Lexicon, 2008.*
- GOMES, Rosivaldo. **As Concepções de Linguagem e o Ensino de Língua Materna: um Percorso.** *Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) O livro didático de Língua Portuguesa: um lugar de interação ou de disputa entre os gêneros orais e escritos? Apresentado na Universidade Federal do Amapá em 2010.*
- IMTUMBO, Canhana. **Estudo Comparativo da Morfossintaxe do Crioulo Guineense, do Balanta e do Português.** *Dissertação de Mestrado da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2007.*
- ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa.** 49. Ed. *Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.*
- RODRIGUES, Vieira, S. **Padrão de Concordância de Terceira Pessoa Plural no Português: em Balanço das Contribuições do Projeto 21 da Alfal.** *Universidade Federal do Rio de Janeiro/FAPERJ, 2015.*
- RUBIO, Cássio Florêncio. **Padrões de Concordância Verbal e de Alternância Pronominal no Português Brasileiro e no Português Europeu: Estudo Sociolinguístico Comparativo.** *Cultura Acadêmica, São Paulo. 2012.*
- SAID ALLI, Manoel. **Secundária e Gramática Histórica da Língua Portuguesa.** 3. ed. *Brasília, Editora Universidade d Brasília, 1965.*

- SANA, Nágila Kelli Prado; BRUENO, Elza Sabino da Silva. **Estudo Comparativo da Marcação de Plural no PVB no Crioulo da Guiné-Bissau.** *Universidade Estadual de Mato Grosso (UEMS), 2012.*
- SCANTAMBURLO, Luigi. **Dicionário Guineense. Volume I. FASPEBI. Introdução e Notas Gramaticais.** Lisboa. 1999.
- SCANTAMBURLO, Luigi. **Dicionário Guineense. Volume II. FASPEBI. Dicionário Guineense-Português.** Bissau. 2003. Gramaticais. – P. ISBN972-772-070-6, COLIBRI/Faspeli. – Lisboa, 1999.
- SILVA, J. A. **A Concordância Verbal de Terceira Pessoa do Plural no Português Popular do Brasil: Um panorama Sociolinguístico de Três Comunidades do Interior do Estado da Bahia.** *Disciplinarum Scientia. Série: artes, Leras e Comunicação. S. Maria, v, 3, n. 1, 2005.*
- SILVA, Edila Vianna da. **Norma, Variação e Ensino: A Concordância Verbal.** *Cadernos de Letras da UFF- Dossiê: Literatura, Língua e Identidade, 2008.*
- TARALLO, Fernando. **A Pesquisa Sociolinguística.** São Paulo: Ática, 2007.
- GAMEIRA, Maria Beatriz. **A Variação da Concordância Verbal na Terceira Pessoa da Plural em Redações Escolares da Ensino Fundamental e Médio: Uma Avaliação de Fatores Linguísticos e Sociais.** Tese de Doutorado da Faculdade de Filosofia e Ciências. *Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2009.*
- GALVES, Charlotte. **O Papel das Línguas Africanas na Formação do Português Brasileiro: (mais) Pistas Para uma Nova Agenda de Pesquisa. 2008.**
- ZANINI, Henriette Marcey. **A Concordância Nominal e o Revisor Gramatical Eletrônico do Word.** *Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Estudos de Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos de Linguagem. 2007.*